

Les diferents propostes que descansen sota el títol coordinat per Solivellas aporten una visió clara sobre l'estat actual de la llengua catalana a les Illes Balears i destaquen la importància de dur a terme una política lingüística ferma i que, sobretot, conegui la realitat sociolingüística del territori. Les visions sociohistòriques, combinades amb les dades actuals sobre usos, actituds i ideologies lingüístiques permeten dibuixar l'escenari, que resta a disposició de l'actuació. En definitiva, el llibre presenta a to d'assaig —que en alguns casos recorre a la informalitat— una fotografia panoràmica de la nostra realitat, una fotografia que permet ser ampliada i on es dibuixen els detalls del nostre microcosmos lingüístic.

Pere GARAU

Universitat de les Illes Balears

VALRIU LLINÀS, Caterina (2022): *Les rondalles que l'arxiduc no va publicar*. Mallorca: Galés edicions, 393 p.

É sobejamente conhecido, sobretudo entre os folcloristas (mas que também é sentido pela gente comum) que a milenar literatura de tradição oral entrou em decadência por ter perdido a sua função de entreter e educar os povos nas sociedades industriais ou pós-industriais. As primeiras recolhidas de literatura oral aconteceram no século XIX por ação do ideário do Romantismo, onde se considerava que quem representava o “espírito” das várias nações era o “povo” e suas tradições, sobretudo as de transmissão oral. Os dois primeiros países a interessar-se por essa tradição armazenada na memória de indivíduos pertencentes a uma população maioritariamente rural, foram a Alemanha e a Grã-Bretanha. Simultaneamente, foram também estes países que começaram mais cedo a sua Revolução Industrial, com consequências trágicas para as sociedades campesinas. Com plena consciência da rápida desintegração das condições que permitiram a este conhecimento memorial ser transmitido oralmente através das gerações, e verificando no terreno que a cada década que passasse era cada vez mais difícil encontrar testemunhos válidos do mesmo, lançaram o alarme: é preciso salvar o que ainda é possível salvar, antes do seu desaparecimento total, registrando essas tradições através da escrita em suportes duradouros, como os livros.

No campo específico da Literatura Oral em prosa (contos e lendas), rapidamente este grito de alarme deu origem às múltiplas associações de folcloristas em praticamente todas as nações europeias, a par com o aparecimento de personalidades isoladas em locais onde estas instituições não se implantaram. O resultado foi o acumular destes textos orais em grande quantidade, a pontos de quem os pretendia arquivar, publicar e necessitar de um sistema para os classificar e ordenar. Coube à Academia de Ciências da Finlândia, de Helsínquia, inventar e por a circular entre os folcloristas um sistema de classificação e uma teoria para o estudo dos contos tradicionais de caráter indo-europeu. A classificação surgiu em 1910 com a publicação do *Verzeichnis der Märchentypen*, de Antti Aarne; a teoria ficou conhecida como «escola histórico-geográfica» que pretendia encontrar a origem e difusão dos contos de tradição oral entre os vários povos com línguas e culturas diferentes. Surpreendentemente, esta diversidade cultural parecia não se refletir nos contos recolhidos, pois estes pareciam revelar sempre os mesmos padrões narrativos e temáticos. Embora a pretensão de conhecer a origem dos contos tradicionais fosse em breve abandonada, a sua catalogação, ao longo do sec. XX e XXI, veio a intensificar-se, com a publicação de múltiplos catálogos nacionais e o aperfeiçoamento do catálogo de Aarne, que viria a dar lugar a um verdadeiro catálogo internacional deste género oral (Thompson, 1927/1961; Üther 2004).

O livro aqui em análise, *Les rondalles que l'arxiduc no va publicar*, elaborado pela investigadora Caterina Valriu Llinàs, é, precisamente, uma obra que participa do que foi enunciado nos paràgrafos anteriores. Trata-se de uma coleção de 169 versões de contos e lendas tradicionais recolhidas ainda em finais do século XIX, encontrando-se 115 das quais ainda inéditas até à data de publicação deste livro. O entusiasmo que esta recolha provoca no leitor interessado nestas matèries deve-se, em parte, à antiguidade dos textos recolhidos, que remontam a uma época em que a tradição oral estava viva, a que acresce

o facto de estes materiais provirem de uma ilha (Maiorca), que, como todos os lugares isolados, mantém de forma conservadora as tradições antigas. A experiência do leitor é a de estar perante um livro recente, mas que nos dá, pela primeira vez, a oportunidade de contactar com uma tradição que, em parte, já desapareceu há muitos anos. À frescura das versões, recolhidas por um entusiasta local (Antoni M. Penya) sob a supervisão de um erudito esclarecido nas lides do folclore (o arquiduque austríaco Luís Salvador), soma-se a edição, classificação e análise minuciosa deste acervo por parte de uma especialista em Literatura Oral da Universidade das Ilhas Baleares. Aliás, esta obra surgiu em contexto académico, durante um doutoramento em Antropologia defendido pela autora, o que demonstra bem o rigor do contexto em que esta tomou forma. Agora, que foi dada à estampa sob a forma de livro, todo o corpus recolhido foi mantido na sua integralidade, mas só parte do estudo académico da tese foi publicado, adaptado a um público não especializado em folclore. A obra, ainda inédita, mereceu o «Premi Mallorca d'Assaig», em 2021, criando condições para a sua publicação em 2022. Este ano (2023), a tese recebeu o «Premi Antoni Badia i Margarit» para a melhor tese em catalão da Universidade de Barcelona do ano académico de 2021-22.

A obra divide-se em cinco partes:

1. Uma introdução que nos descreve o projeto de recolha dos materiais folclóricos, seus principais intervenientes, os critérios e métodos utilizados, a reconstrução do trabalho de campo com sua calendarização, itinerários e informantes e, por fim, a descrição de dois livros publicados ainda no século XIX, com uma pequena parte do corpus recolhido (no original e em tradução alemã). Este estudo do contexto histórico abre-nos as portas a uma viagem no tempo que contribui sobremaneira para a valorização de cada uma das versões que chegaram até ao nosso tempo, e também para compreendermos certas particularidades da época.

2. Uma descrição analítica de todo o corpus, onde a autora faz a distinção entre géneros (contos, lendas, casos reais e tradições explicativas), delinea suas características formais, estilísticas, etc. Questões mais específicas como elencar quais os personagens característicos nos diferentes géneros e subgéneros e os locais onde esses personagens atuam são analisados com algum pormenor. No caso específico das lendas, a geografia de Maiorca é visitada à luz de alguns dos seus elementos paisagísticos (montanhas, fontes, cursos de água, grutas, etc.) e sua ligação aos personagens sobrenaturais ou históricos que surgem neste género de narrativas. Esmiuçando ainda mais algumas características do conto popular, a autora mostra como aparecem, por vezes, inseridas na narrativa em prosa dialogada, certas fórmulas em verso, as triplicações (de ações, de personagens, de objetos), que contribuem para criar uma expressividade muito própria nestes géneros de tradição oral.

3. Uma edição devidamente ordenada e classificada, antecedida dos respetivos critérios de transcrição e fixação de texto. As versões são ordenadas de acordo com os géneros folclóricos aos quais pertencem (Contos, Lendas, Casos reais, Tradições explicativas), e em cada um destes é feita uma divisão ainda mais fina por subgéneros. No caso dos contos é usado o consensual sistema ATU (contos de animais, maravilhosos, religiosos, realistas, do ogre estúpido, anedotas e contos formulísticos). No caso das lendas é seguida a proposta de classificação da folclorista israelita Heda Jason (lendas sagradas, demónicas e mágicas). Os «casos reais», que poderiam ser considerados «lendas históricas», prendem-se todos com acontecimentos locais nomeadamente os relacionados com incursões armadas de piratas a Maiorca e suas consequências. Estes são divididos tematicamente. Por fim uma última parte, pequena, dedicada às tradições explicativas, que podem também ser consideradas «lendas etiológicas», apresentadas num bloco único, sem subcategorias.

4. Nas conclusões, retoma-se os principais argumentos do livro de forma sintética, fechando a obra.

5. Por último, não poderiam faltar as principais referências bibliográficas utilizadas, reduzidas ao essencial e acrescidas com as referências aos arquivos e bibliotecas onde os materiais originais desta recolha se encontram depositados.

Em anexo, e para a comodidade de quem conhece o sistema ATU e quer saber se um determinado conto integra esta coleção, fornece-se uma relação dos tipos ordenados segundo as subcategorias mencionadas no ponto 3.

Partamos então à descoberta dos contos que o arquiduque não publicou, mas que, em boa hora, Caterina Valriu publicou agora para gaudío de todos nós. A autora, natural de Maiorca e insigne folclorista, é a primeira interessada na tradição oral das Ilhas baleares, e, desde que descobriu o pequeno livro editado no século XIX pelo Arquiduque Lluís Salvador com 52 contos, achou que esta obra era «atractiva i enigmàtica» (p. 11). Ao investigar a figura do arquiduque, descobriu que este desenvolveu trabalho antropológico e literário e que deixou documentos seus em diversos países. Mas foi a correspondência trocada entre o arquiduque e Antoni Penya que se abriu uma nova linha de investigação que permitiu devolver a coautoria da recolha a este professor maiorquino. Sobretudo, ficou muito mais claro a divisão de tarefas entre os dois, tendo sido o arquiduque o “arquiteto” do projeto e Penya o seu “executivo”, tendo-se encarregado de todo o trabalho de campo nas mais de 40 povoações de Maiorca que visitou. Através da consulta dos arquivos foi possível também estabelecer que as recolhas foram feitas entre julho e outubro de 1894.

Apesar de certas tendências metodológicas da época, hoje em dia ultrapassadas, como por exemplo a reescrita de versões procurando reconstruir uma suposta versão completa de uma história usando fragmentos pertencentes a várias versões “incompletas” da mesma história (versões factícias), as versões recolhidas e passadas a escrito respeitam a simplicidade do linguajar do povo, não tendo sofrido grandes recriações literárias. O suporte narrativo destas histórias é a ação e os diálogos dos personagens, sendo evitadas as descrições. Como tal, tendo em conta o contexto e as práticas da época, estas versões maiorquinas aproximam-se do estilo oral que conhecemos em versões recentes, gravadas com fita magnética.

Outra característica das recolhas do século XIX, muito por via do ideal Romântico, era a busca do folclore “genuíno”, aquele que se pensava ser “típico” de determinado local. Neste caso Lluís Salvador buscava o caráter “maiorquino” dos contos recolhidos. Aplicando este filtro, as versões que mais apresentam estas características são as lendas. Talvez por isso o arquiduque não tenha publicado a maioria dos contos, quer porque os achasse comuns a outros povos ou os considerasse “incompletos”. Um outro critério de seleção, suspeita-se pelas cartas de Penya, foi o filtro moral (p. 47), responsável pela eliminação ou censura das versões obscenas ou rudes, também ele uma prática habitual entre os folcloristas na época. No final da linha, a revisão, seleção, tradução e edição das versões corriam a cargo do arquiduque, cabendo-lhe a decisão final de publicar ou não os materiais e de que forma.

Quando a autora se debruça sobre todo o corpus, encontra um número invulgarmente grande de contos formulísticos (p. 11) e um grande peso das lendas demónicas /sobrenaturais (p. 22), em contraste com a escassez de contos de animais (p. 5), nomeadamente quando comparados com a tradição catalã, em sentido lato. O autor desta recensão destaca sobretudo o facto de este corpus também conter um grande número de contos jocosos / anedotas (p. 24), entre as quais alguns(as) que nunca tinham sido encontrados(as) na área linguístico-cultural catalã. Como sabemos, a anedota é um subgénero abundante na literatura oral, mas que até há muito pouco tempo atrás era considerado como “menor”, não digno de figurar nas coletâneas de contos populares. Daí que a existência de um número significativo de anedotas neste corpus seja uma boa surpresa. Ainda mais invulgar é só encontrarmos tres versões de contos religiosos, isto se tivermos em conta que, na época, as populações eram muito mais ligadas à religião. Dado que muitos contos religiosos são jocosos, poderá ter sido o respeito pelas coisas da igreja que talvez tenha impedido as partes em causa (informantes e coletor) de serem recolhidos um maior número de versões deste subgénero. Já a proporção de contos maravilhosos (p. 29) e a de contos realistas (p. 14), por serem ambos subgéneros caracterizados por narrativas longas e complexas, eram aqueles que verdadeiramente interessavam aos folcloristas da época, nomeadamente quando se tratava de publicar e estudar essas versões. Também são estes dois subgéneros aqueles que são, hoje em dia, mais difíceis de recolher, sobretudo no que toca a versões longas.

Por tudo o que foi dito, este livro é uma obra rara de surgir nos nossos dias, um verdadeiro diamante em bruto da Literatura Oral maiorquina, mediterrânica e, porque não dizê-lo, de todo o mundo. A partir deste momento, a comunidade de folcloristas e o público em geral poderá deliciar-se com cada uma das versões apresentadas. Poderão também compará-las com outras versões análogas recolhidas em outras culturas, de forma simplificada, devido à classificação internacional aplicada a todo o corpus.

Terminemos com uma citação da autora que elucida o valor humano da Literatura Oral:

Les rondalles, les llegendes i els succeïts están fets de la matèria dels somnis i de la petjada de la memòria, mostren la capacitat fabuladora de la humanitat, ens forneixen les eines per donar forma a sentiments i emocions, palesen que el llenguatge ens ajuda a ordenar i entendre el món i que és la via que ens permet comunicar-nos i, per tant, humanitzar-nos. (p. 17)

Paulo Jorge CORREIA
Universidade do Algarve

VENY, Joan (2022): *Història lingüística dels nostres peixos*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 363 p.

Història lingüística dels nostres peixos és un volum compost de vint-i-vuit capítols amb articles, pròlegs i recensions on el doctor Joan Veny i Clar recull els seus treballs sobre ictionímia escrits entre 1973 i 2021.

El llibre s'inicia amb la introducció de Nicolau Dols titulada *Escatar i escatir*, que emmarca el contingut de l'obra destacant, amb paraules precises, la passió del «patriarca de la nostra dialectologia» per la recerca etimològica, el valor de l'obra i l'aplicació dels resultats de les investigacions a la millora de la llengua comuna. Seguidament, Joan Veny, a la «Presentació», explica el seu interès pels noms de la fauna marina a partir d'una comunicació, el 1973, sobre l'origen de *penegal*, denominació que s'aplica a l'espècie *Helicolenus dactylopterus*. Aquest capítol de «Presentació» podria ser un tràmit introductor a la lectura del treball, però el rigor i el detallisme aplicats fan que, en realitat, esdevingui un esquema dels orígens, components lèxics, fenòmens lingüístics i altres factors que caracteritzen els noms de la fauna marina.

Els articles de l'obra s'agrupen en quatre seccions: I. Aspectes generals, II. Noms d'espècies, III. Diacronia i IV. Obres d'ictionímia comentades.

La primera secció, «Aspectes generals», la conformen tres treballs: «Problemes d'ictionímia catalana», «Aspectes d'ictionímia balear» i «Topònims i gentilicis en la ictionímia catalana», on ens introdueix en la problemàtica que el tractament de les denominacions íctiques tenia fa cinquanta anys. Uns problemes com la falta de col·laboració entre biòlegs i lingüistes o les llacunes en l'arrellegada de documentació medieval que entrebancaven la correcta identificació de les espècies i l'estudi diacrònic dels ictionímics. Així mateix, és una secció on trobem un complet estudi dels estrats lingüístics i termes presents en la fauna balear. Una autèntica història de la llengua catalana a les Balears que pren com a eix temàtic diversos aspectes que conformen el repertori ictionímic: components lingüístics del vocabulari català tant patrimonials com préstecs (grec, llatí, mossàrab, àrab, genovès, occità i castellà), vessant arcaica i renovadora del lèxic, aspectes diatòpics i expansió terminològica. Aquí es fa un incís sobre l'oblit intencionat de la contribució catalana per part de les històries de la llengua castellana, una aportació que, com indica l'autor, sí que reflecteixen estudis ictionímics com els d'Antonio Martínez González, Alberto Manuel Arias i Mercedes de la Torre, entre altres. És precisament en el capítol primer on trobem la disquisició de *penegal*, una espurna que inicia la passió creixent per la ictionímia d'en Joan Veny i que ha donat el fruit d'aquest conjunt d'articles, referent essencial en el coneixement dels noms de peixos catalans i mediterranis. És aquí on podem observar la meticulosa metodologia de treball i la clara estructura expositiva i argumentativa que marcaran les investigacions etimològiques posteriors.

L'estudi s'inicia amb la presentació de l'ictioním, en aquest cas el *panegal* o *serrà panegal*, que l'autor qualifica com un exemple de la significativa presència d'arcaïsmes en el lèxic mariner. Una presentació del peix (tant en aquest article com en els posteriors) que sempre identifica el nom popular amb el científic, espècie *Helicolenus dactylopterus* Delaroche (o *Sebastes dactylopterus* Delaroche). Com hem dit, la falta d'aquesta encertada identificació suposava (i moltes vegades encara suposa) un dels pro-